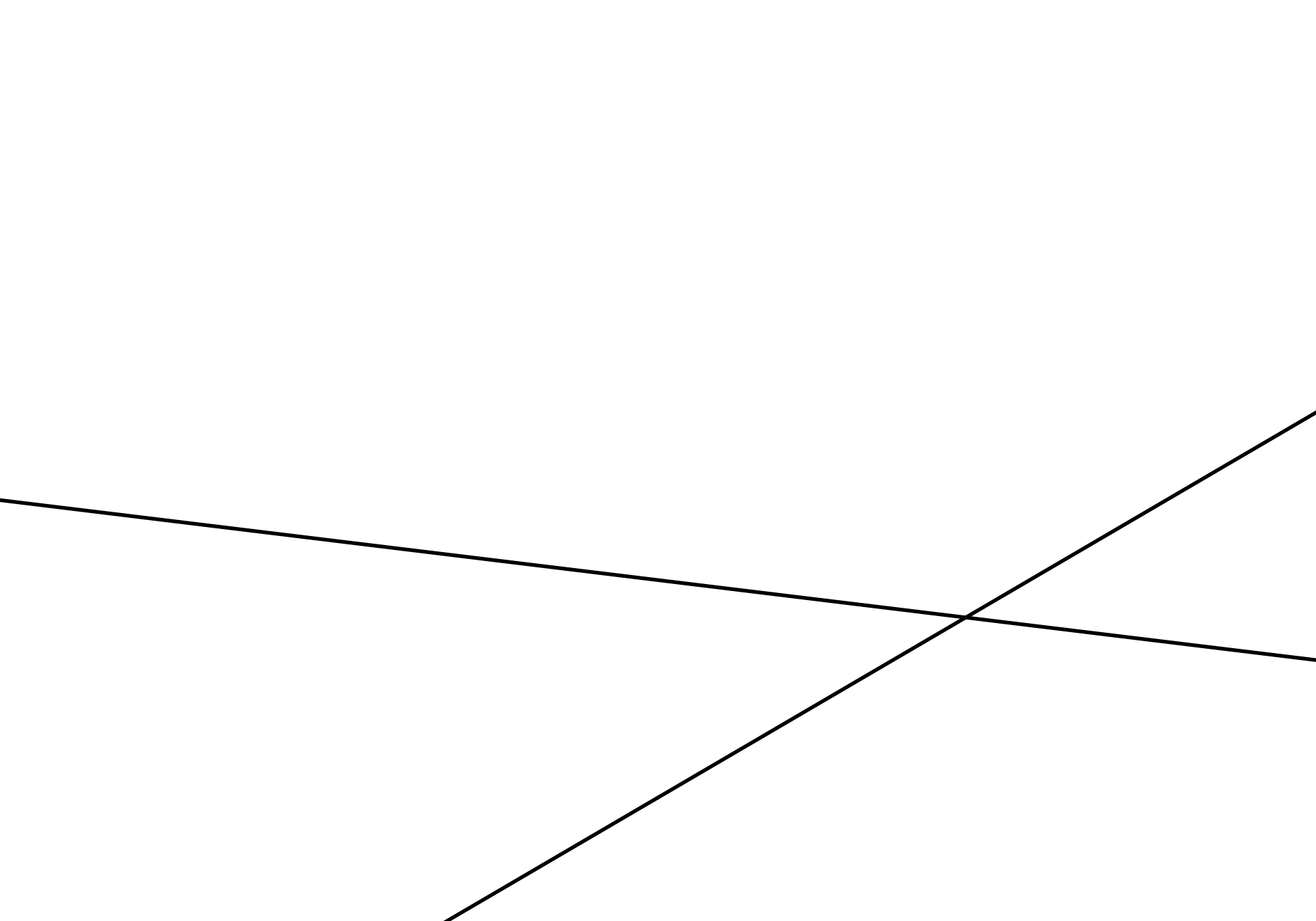


gabriela giannotti

a dobra e a pedra

antônia perrone



Um mapa revela e codifica o caminho. Observando as correspondências entre o sinal grafado e a paisagem – a curva da estrada, a cidade, o arco da serra –, o navegador encontra sua posição e seu rumo. A linha cifrada do mapa revela seu segredo no mundo, desdobra-se diante do caminhante que, mapa em mãos, observa, relaciona, coteja, opõe essas duas visões. Ao seguir percurso, o viajante solta também seu próprio rastro – seu desvio, atalho ou afeto –, assinalando-o, apropriando-se, segundo seu próprio critério, do mapa anterior.

O mapa do primeiro caminho, o primeiro mapa, só se fez depois do caminhar, como nas sendas abertas no campo. Na terra, os muitos passos percorridos desmoitam o chão e, com o tempo, uma determinada linha de solo nu perpetua-se – mais escolhida por ser mais evidente e mais evidente por ser mais escolhida –, gravando sobre o espaço anteriormente desconhecido a possibilidade de refazer a trilha, repetir os passos. No mar, na navegação inaugural, não foi a marca do navio sobre as águas que possibilitou o retorno. O encaço de espuma persegue o caminho, mas se esvai a cada instante sem registrar a memória do trajeto. O navegador que o observa à popa é quase preso à ilusão de que a marca faz-se de fato, e registra a rota. Mas não: basta o desvio da atenção, o reencontro dos olhos com o horizonte, para se perceber que o vestígio não garante o itinerário. Entre olhar para a paisagem, entregar-se ao rastro e surpreender-se com um novo entorno, todos os referentes ficam em risco.

Para assegurar-se da existência de si em alto mar, um navegador pode servir-se de um gesto simples como a insistência da própria sombra no convés ou o hipnotizante rasgo que o barco abre na água. Porém, embora reconfortante, esse indício de si mesmo é rapidamente tomado pelo desconhecido: a escala é incomensurável, a marca feita não é constatação suficiente para gravar uma presença duradoura.

Por mais aprumado que se esteja, a visão infinita do oceano em seu encontro com o céu é desnorteante; tão imenso o mar e tão improvável o caminho de volta, olhar para frente ou para trás é igualmente assombroso. É impossível conceber esse espaço, abarcá-lo pela via da razão – sua dimensão é tão sobre-humana quanto a empreitada de enfrentá-lo. São dias a fio de reflexão prolongada, sem o alívio da concretização da costa, suspensa

na memória ou antecipada no porvir. Na fenda de medo que se abre entre projeto e lembrança, mapeiam-se monstros: criaturas vistas, que se acredita ter visto ou que se receia ver; arestas e entranhas do mundo, em que desconhecido, desejado e temido friccionam, ameaçando a devoração. É preciso figurar essa vertigem, imaginá-la, dar-lhe forma; é preciso preparar-se, mesmo que em ilusão, para o inconcebível.

Uma vez fomos a um enterro. Não foi o primeiro, nem o último dos enterros a que já fomos; a bem da verdade, todos nós já comparecemos a vários desses eventos de pessoas umbrosas e cheiro de terra aventada. Mas há, por vezes, um momento do sepultamento que nos afeta em particular, algum momento pungente em que aquele enterro torna-se o único de nossas vidas, o mais importante, o mais real, o único que existiu mesmo, até que exista o nosso próprio. Quem sabe seja justamente por anunciá-lo, nosso enterro, a nós, sem muito escrúpulo; ou por esquecermos de estar aqui, indagando sobre o que existirá embaixo da terra ou além dos céus; ou por haver algo de estranho na situação, não haver flores, não haver parentes, ou ouvir um bebê chorando.

Quando o caixão desce à cova, tudo é muito claro: alguém morreu, parou de respirar, foi cuidado, colocado em um grande caixote de madeira, uma família ficou triste ou não, uns amigos compareceram ou não, e estamos ali vendo essa caixa ser arriada buraco abaixo, aquela pessoa nunca mais volta. É realmente tudo tão visível – o ataúde, a cerimônia, a enunciação da

tristeza – e tão sabido – a morte das células, a etiqueta do funeral, a irreversibilidade –, é estranho. A imagem está ali, mas não se encaixa na vista: há algo que nos escapa, algo que nos falta para assimilar – talvez esteja dentro da terra, talvez esteja nesses céus de que se fala –, precisamos de algo que não está aqui, que não se apresenta, que talvez nem viva mais, como não vive a pessoa no caixão.

Mas essa coisa existe, existe em algum lugar em nós, sabemos disso. Como num cheiro sentido na rua que de repente nos leva a uma lembrança há muito esquecida, atordoamo-nos ao buscar essa coisa em nós, que está lá dentro e que explica tudo, querendo voltar a sentir o cheiro, a conhecer o ambiente, ao momento em que o cheiro não estava deslocado de seu lugar originário; desejando que algo possa emergir das nossas próprias profundezas e reintegrar, num raio, o que vemos ao que sabemos; ansiando por recuperar os cacos de um copo que está diante de nós, inteiro, e que ao mesmo tempo quebra-se em dois, dez ou mil pedaços.

No meio da inquietação, do desejo de que aquele funeral volte a ser só mais um entre muitos – nem o nosso, nem o daquela pessoa, nem o de ninguém, nem mesmo um funeral –, somos acordados: uma mão no ombro, a hora de ir embora, um coro de “amém” ou o choro do neném mais uma vez. Num átimo, tudo se retoma, aquela dobra na realidade se desfaz. Voltamos ao recinto, às pessoas, a nós mesmos; tivemos a impressão de que... mas não, cada coisa está em seu lugar, o corpo respira, o outro quieto debaixo da terra.

No entanto, conforme caminhamos de volta a casa, os pés remissos e a cabeça morosa, sentimos riscar algo em nós, como a ponta de uma aresta. Algo plissado se reabre, algo liso se retorce – daquela dobra, ficou um vinco. Sentimo-lo muitas outras vezes ainda; sentimo-lo até agora, mesmo depois de tantas outras coisas. E a cada vez que ele se eriça, cada vez que aflora, ainda que timidamente, então tencionam-se as bordas do mundo, imantam-se os vértices de dentro de nós, e desejamos levar uma ponta à outra, dobrando o mundo em nós, nós no mundo, para apoderar-nos mais uma vez da possibilidade, encontrada e perdida no mesmo instante, de participar do imponderável.

*

No escuro que abrange as noites, há certa magia distante do real, um véu imponente que cobre a paisagem e surge no trajeto como uma presença quimérica, que nos interpela no caminhar. Conforme se aproxima a penumbra, a multidão de detalhes evidentes à luz dissipa-se em volumes obscuros, dotados de uma espacialidade ambígua: é incerto se o espaço prolonga-se para o fundo, como um vão, ou se avança em nossa direção. Em vertigem, algo se perde – talvez nós mesmos. Adentramos um lugar indeterminado; a imprecisão sobre o que está ali se dá pela simplicidade das formas nesse momento limítrofe da percepção, no qual o que vemos é quase tão sintético quanto o que recordaremos ter visto. É uma visão abreviada que, instante a instante, se resume a menos: menos

clareza, menores indícios. Remanesce alguma lucidez de que a paisagem estende-se diante de nós, mas, neste momento, nos escapa; se atestamos com certeza que o que esteve ali deveras esteve, é por matéria de fé ou um artifício da memória que configura imagens nesse vazio. Estar de olhos abertos ou fechados é indiferente. Percebemos a existência de algo, entretanto, na impossibilidade de conter o que é fugidio, não vemos. Recorremos a lembranças dessa visão latente pelo capricho de criar referentes que deem a ver o caminho a ser seguido – como se a mente fosse capaz de, por um feixe de luz, projetar imagens na noite que nos envolve, adequando aos vultos resquícios do que acabou de ser visto e paisagens de outros tempos. Essa exibição à meia-luz, sem reconstituir rotas, elaboraria representações de uma mistura do que foi visto e vivido, provocando a sensação do recordar algo não pertencente ao passado, e sim ao gênero de memórias inventadas. No vislumbre dessa imaginação ideada sobre o breu, passa a haver o constante risco da luz que, no primeiro sinal de dia, faria tudo desaparecer.

Diz-se que um mapa serve muito a quem está perdido. Mas na angústia de perder-se de fato, linhas e hachuras em nada correspondem ao que se vê na paisagem. Quem nunca ficou, segurando o mapa, a dar voltas, dois passos para frente, dois para trás, comparando as imagens com olhos atônitos – *isso é isto?* –, sentindo já ter passado por aquele ponto, sentindo nunca ter passado por ali antes? É desfeita a conexão entre

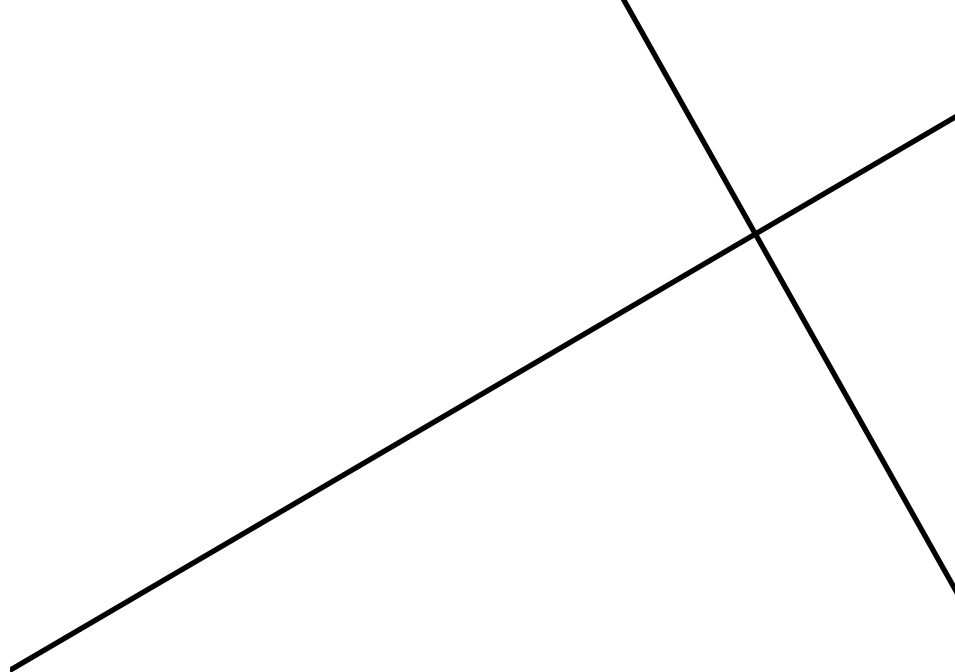
trajeto e traçado: o mapa anuncia o que se pode eventualmente alcançar, em algum lugar, enquanto o espaço permanece desconhecido. Muitas vezes, se está perdido com mapa, se está perdido *no* mapa; e nessas caminhadas hesitantes, em que nem mesmo em círculos se caminha – porque já seria uma forma conhecida –, perde-se os outros, perde-se até a si mesmo.

A certeza inútil do mapa e a insegurança quanto ao caminho entram em conflito – mas, como jamais será o mapa que dará o próximo passo, para o acerto ou para o erro, esse é um falso dilema. Sabe-se que é necessária a inauguração de um novo percurso: o olhar precisa levantar-se, abdicar do mapa, como quando se toma uma rua decididamente sem saber onde vai dar. Na perda do mapa como o instrumento para antever o que há a seguir, depara-se novamente com a paisagem, olhando as mesmas coisas que antes, mas agora sem linhas preexistentes: aquela curva, a casa azul, a subida que cansa as pernas, os buracos – um, dois, três – da calçada esquerda, o pequeno cogumelo cor de porcelana embaixo da quaresmeira. Ali está a curva que leva à infância, a casa azul que lembra um retrato na estante, o cogumelo que faz imaginar guarda-chuvas de formigas. Da anotação do olhar e da vindima da memória, reencontra-se o mundo, reencontra-se a si mesmo; projeta-se, do olho ao mundo, o novo mapa – que só serve àquele que o vê.

No véu da noite, o passo hesita; quando apaixonado, a fantasia desorienta; envolto no luto, a respiração soluça; diante da tênue e ininterrupta fronteira entre céu e mar, as mãos afrouxam – não há mapa que assegure o caminho. Visão e consciência não se encaixam mais, como não se encaixam a linha da paisagem e a traçada no papel. Também então é preciso renunciar ao mapa, que não consegue compreender o

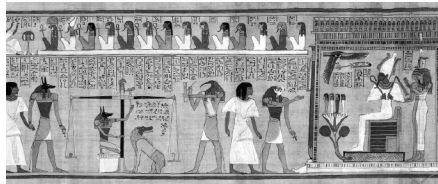
horizonte do desejo e do medo, que não consegue delinear os vultos na penumbra; tem-se a lucidez – angustiante de tão certa – de que existir, ou deixar de existir, é incontível. O que resta, portanto, não é mais a segurança do destino, mas a de estar caminhando – um mapa para, consciente ou deliberadamente, perder-se; um mapa sem destino marcado; um mapa que contenha a impermanência do caminho.

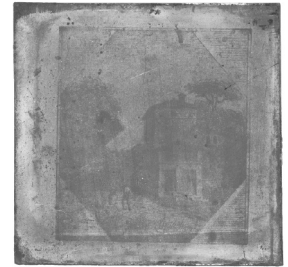
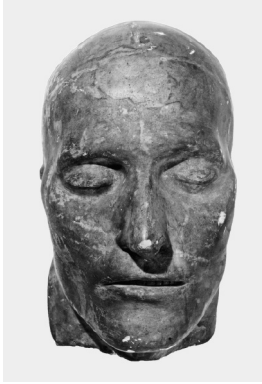
A busca passa a ser outra: não mais pelas linhas dos caminhos atravessados que já encontraram seu fim, mas pelo lugar-algum da suspensão entre testemunho e devaneio — na tentativa de evocar detalhes do que já se passou, há a distração pelo que há de intrigante do próprio ato de relembrar. A questão não é exatamente a marcação do que foi trilhado, mas a tradução de informações que parecem tão ininteligíveis para aquele que as grafa quanto para quem as queira futuramente encontrar (e jamais conseguirá). Qualquer tentativa de representar o que foi percorrido seria a transcrição de uma fantasia desse descaminho. Percebe-se, então, que a certeza anterior, a segurança de cada hachura ou marcação, inibia essa procura. Não havia cogumelos, casas azuis, noites, memórias, vontades, amores; não havia vincos ou feixes de luz. Havia apenas o mapa. Quando a mão o deixou cair, abriu-se um espaço, uma brecha no mundo e em si – o intervalo para criar. Constata-se, afinal, que só se encontra quando se está perdido.







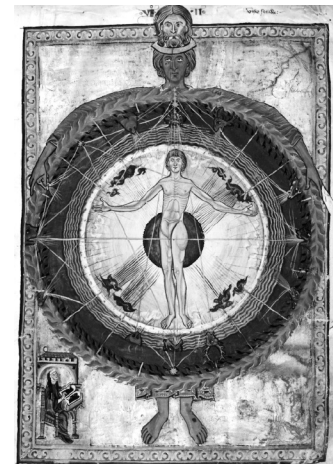
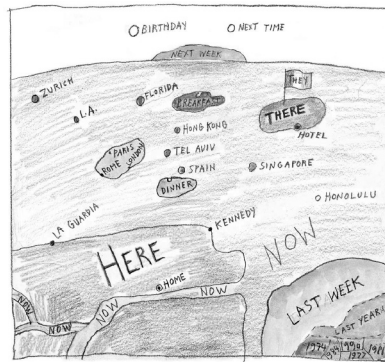
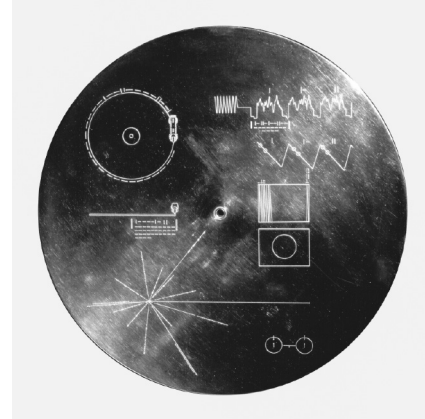
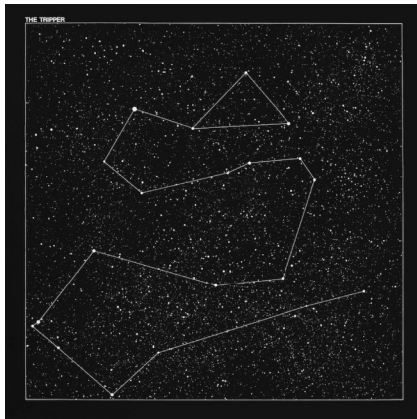


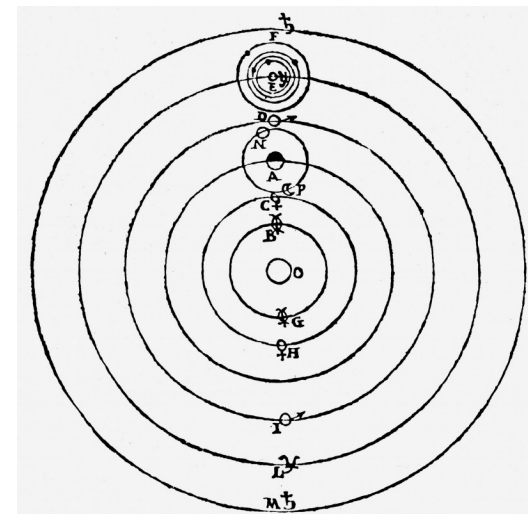
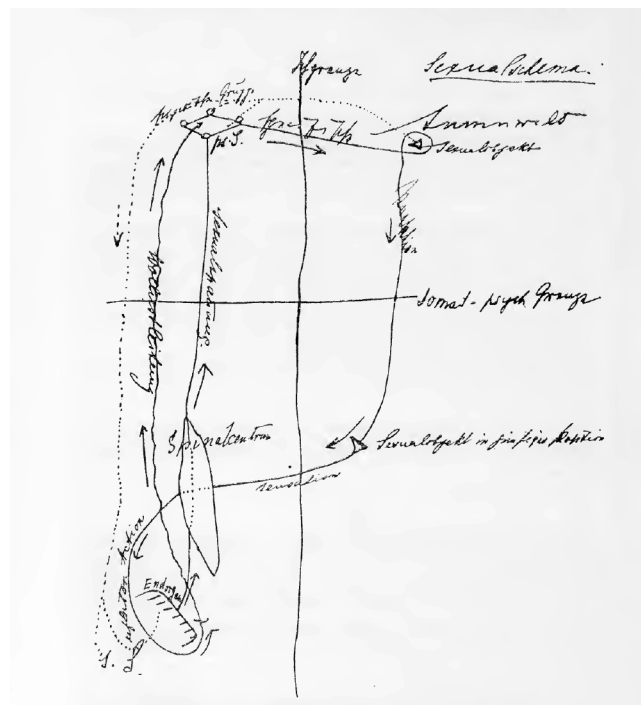


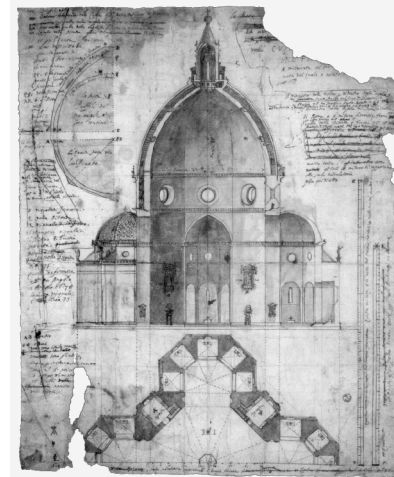
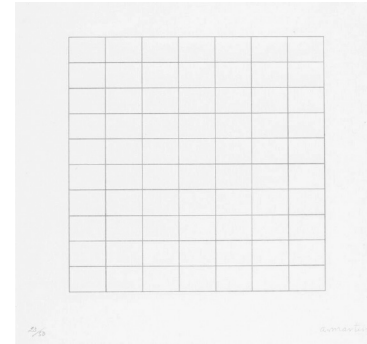


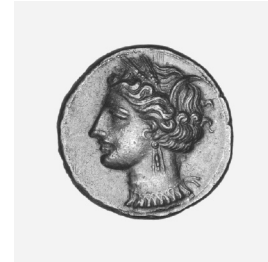
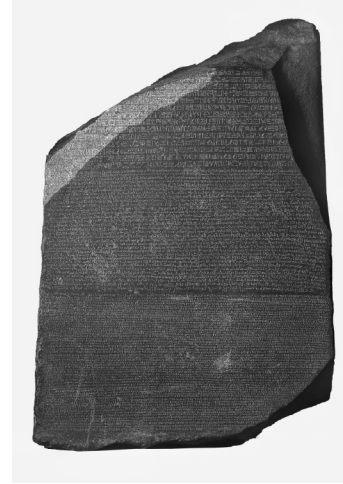


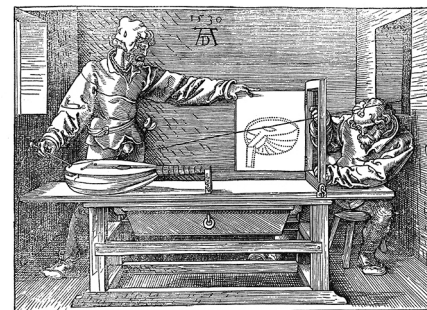
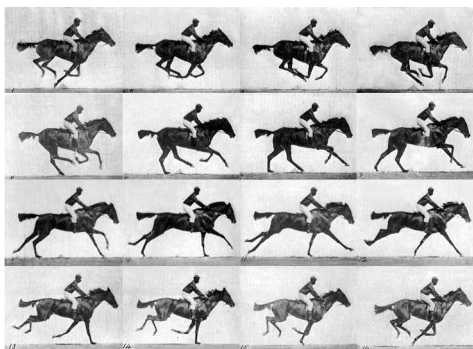




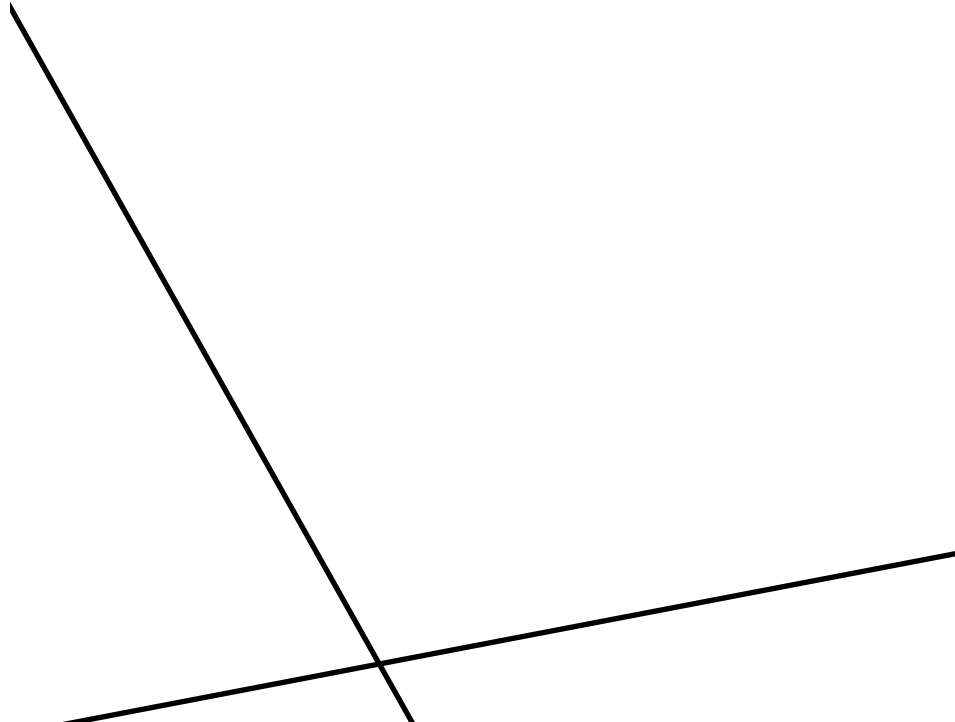












Eu não escolhi nascer. Antes de querer ou decidir – na verdade, antes mesmo de poder uma coisa ou outra –, nasci. Vim ao mundo e já havia mundo, ou melhor, já havia um mundo para onde eu pudesse vir, e vim também à imagem e semelhança de algo que havia antes, que tampouco pude considerar, desejar ou escolher. Quando vim a ser, vim assim, simplesmente sendo; passei a existir existindo, e tudo já existia. Quando vim, foi como vir para e por dentro de um rio que corria – corria muito antes de eu vir e continuava correndo enquanto eu me dava conta do correr. Quer dizer, antes que pudesse começar (e ainda mais, antes de saber que era começo), já tinha começado. As coisas aconteceram antes de acontecer e, antes de criar, já estava criado.

Vim em meio a tudo que viera e, quando soube que tinha vindo, quis saber os vires de tudo mais – se havia um antes do meu vir, houvera certamente um antes do vir de todas as outras coisas, e eu próprio talvez já fosse um antes de algo que viria. Cada coisa teve seu nascimento; cada coisa segredava, em si, sua própria gênese – assim como entrevia-se, confiada em mim, a forma de minha mãe. Perscrutei, uma por uma, as progênes de tudo: o nascer do pão, da chuva, do dia, da galinha, das gardênias, de mim mesmo. Era como se tentasse subir o rio, seguindo as águas, procurando uma genealogia oculta que revelasse quando começaram a correr, tentando traçar os *quandos* de tudo que existia. Fui das migalhas ao trigo, dos lagos às nuvens, dos crepúsculos às alvoradas, aos pólenes, abelhas e sementes, às mães, às avós, às mães das avós e às muitas outras mulheres mães das avós das avós. Subia o rio, mas pisava em falso. A contracorrente tornava-se a direção principal do fluxo, subitamente me devolvendo ao passo anterior. Cada vez que chegava ao ovo, chegava novamente à galinha. Abria as cascas para desvendar a semente, apenas para descobri-la uma casca de outra origem; cada vez que chegava à filha, chegava novamente à mãe. Era como abrir bonecas-russas, uma após a outra, sem nunca alcançar a pequenina, última e primeira boneca, desconhecida mãe ou filha de todas.

No fim, nunca tinha o início, ou melhor, era sempre um fim e um início, uma genealogia sem pontas. Ao desdobrar o tudo na composição crescente – do ínfimo ao excelso, em pais e filhos, uns como outros – ocorria que, apesar das afinidades e dessemelhanças, as coisas embaralhavam-se. Não se encaixavam em categorias, mas sim umas às outras: guardavam seus inversos, seus contramoldes, como a minúscula que continha a

gigante. Percebi que o absurdo, na verdade, era querer saber se viera antes o ovo ou a galinha, e, mais absurdo ainda, pensar que pudesse não ter havido nenhum dos dois. Tornara-se impossível cogitar um momento em que nada houvesse, nem penas nem cascas. Tudo, afinal, sempre vinha de *tudo o mais*.

Tudo existia, portanto, sob uma regra que não evidenciava nada além de si própria, e assim se sustentava sem que precisasse ser dita, semelhante às demais regras da vida. Tudo se originou sem ponto de origem, e não havia um antecedente que explicasse o começo ou o fim das coisas. A existência como fato atestava sua própria verdade: a vida existe existindo, e tudo o que houvesse lhe seria substancialmente fiel. Aliás, a regra continha em si a promessa de sua própria perpetuação: existir é um pacto consigo e com tudo, um pacto de continuar existindo. Há certas coisas no mundo que consagram esse trato. O tempo e o rio encontram-se na passagem: perpetuamente cambiantes, correm anunciando que tudo permanecerá *apenas* sob o movimento redundante, que lhes dá sentido. Um rio só é um rio porque corre; não importa onde ou como começou, importa que continue correndo. Já não eram mais necessários os mananciais secretos ou as pequeninas bonecas incindíveis; descobrir-se imerso nas águas era também descobri-las entranhadas em si – em ares, fluidos e batimentos –; éramos partes conformes do acordo, em perene cópula. Deixei-me transcorrer com os dias e noites, sementes e flores, beijos e filhos, ovos e galinhas, e tudo era bonito.

Mas o abraço não poderia desfazer-se. Caso algo se desprendesse, tudo desencaixaria; se algo afrouxasse, um gesto que fosse, tudo o mais se desmembraria. E se não mais condensassem as águas das nuvens, se não seguisse uma noite após o dia,

e se a galinha não botasse o ovo? Receei os dedos despetalando, a arritmia dos respiros, a desafinação do uníssono, o rio que estacionava. Temi que tudo tivesse fim, que chegasse ao caroço, ao bago infértil do nada; que o fim viesse assim como veio tudo, simplesmente vindo; que, perpetuamente vindo a ser, o tudo viesse a ser nada. Na angústia, pressionava mais o enlace, assegurando a união – se ao existir integrei o todo, acreditei que, abraçando as águas, afirmaria-me também fluido. No entanto, imergindo, não vi meu sangue tornar-se a corrente, ou a certeza do rio dar lugar à minha dúvida – ao contrário, quanto mais forte apertava, mais reiteravam-se os limites de meu próprio corpo. Vi um par de mãos atônitas, perdendo a água por entre os dedos, inutilmente obstinadas em contê-la. O que por mim passava vertiginosamente não mais abraçava; desgarrado como um galho. Percebi que era encaixe, e não mistura: estar imerso não é ser o rio.

Fui arremessado de volta ao primeiro estado: sem escolha, como quando nasci. Mais uma vez, de outra e dolorosa maneira, dei-me conta de que tudo existia *apesar* de mim. Cindido daquilo que acreditei ser, decompus a soma que garantia a regra, e, comigo fora do cálculo, o resto era o mesmo. Não digo que a verdade seja por isso menos verdadeira, mas eu, como parte dela, estava enganado. Não podia conter o rio nas mãos. Pareceu-me que estava evidente desde o princípio: afinal, se vim em meio ao que viera, se outras coisas vinham enquanto eu vinha, e se viriam ainda depois do meu vir; talvez viesse mesmo o fim, o nada – e viria, ele também, apesar de mim. Não tive mais certezas quanto à inércia do movimento ou do repouso. Tive uma única certeza: que nasci. Quando saí da água sem ser rio, continuei sendo, não muito diferente de quando vim a ser.

Olhei-me novamente. Os olhos tombando sobre o peito, rodeando meus volumes lavados; minha imagem que descia espelhada nas poças. Divisei os limites da minha pele, fronteira que me encostava e separava de tudo, como uma réstia de chão seco. Meus contornos eram minha certeza, e assegurava-me de mim mesmo. Eis-me. Sou. Aos poucos, o adágio se invertia: eu *existo* apesar de tudo. Dei um passo e observei: procurei ver se os movimentos subsequentes das folhas, abelhas ou nuvens decorriam do meu. Nada. A folha caiu, a abelha agitou-se e a nuvem desvaneceu, mas em outra cadência; dissonantes em relação a mim e entre si. A bem da verdade, se poderia até crer que, no mesmo momento, cada qual dera seu passo para averiguar o próprio efeito, mas jamais se poderia supor que um passo fora dado em consequência do outro. O vibrar da abelha não arrasta os ventos, e o flutuar das nuvens é indiferente ao despendurar da folha. Se existo apesar do rio, e ele apesar de mim, também todas as coisas existem apesar umas das outras – cascas ou sementes, tudo que se toca também se aparta.

Meu segundo passo foi mais largo. Com ele, soltava-me da teia na qual confiava estar e, no terceiro, já não acreditava mais. Por via das dúvidas, olhei para trás – antes de desatar de vez – conferindo se para os lados de lá nada havia igualmente acontecido, se nada havia desenrolado enquanto eu me atentava para o movimento das pequenas e grandes coisas. Mas, abaulados no chão da minha sombra, havia um, dois passos, aqueles que eu tinha dado. Na suspeita, andei um quarto passo para ver se o primeiro me acompanhava, espiondo se aquela marca correria para debaixo dos meus pés, e isso de fato aconteceu. Sobre a terra desmoitada, tudo pareceu novo. Posso dar mais um passo para frente, para a direita ou para a

esquerda ou para trás, um passo grande ou pequeno, um saltito, posso começar a correr. Posso hesitar, diante da falibilidade ou da profusão dos caminhos. Que tudo exista apesar de tudo, apesar do assombro do fim ou do estacionamento imaginário do rio, não era vingança, mas comunhão. Sem regras ou garantias – e, principalmente, *apesar* dessa ausência –, tudo não *era* tudo o mais, tudo *podia ser* tudo o mais. Se não existe certeza, existe possibilidade.

Continuei o caminho. Via um instante me perguntando o que viria no seguinte e, ao acontecer, já me intrigava pelo próximo. Ansiava pela consequência de cada *uma* coisa, que só vinha inconsequente de toda *outra* – assim como a minha própria. Cada passo era um entre muitos; era uma escolha entre as inúmeras sendas e pernas imagináveis, que apenas se revelaria exitosa ou obstruída quando realizada. Eu persistia e vacilava em igual medida; quer dizer, não prosseguia *apesar* de hesitar, prosseguia *porque* hesitava. O passo dado não era um apesar dos outros possíveis; ao contrário, dava o passo *porque* eram todos possíveis, e só assim caminhava. Conforme avançava, construía-se margens, mais ou menos largas, entre desígnio, possibilidade e acaso. Com a perna erguida, antes mesmo de concluir o gesto, o caminho antecipava-se, mas vinha a ser como jamais teria sido e como sequer poderia tê-lo premeditado. No intervalo ínfimo da descida do pé ao chão, estreitam-se as margens até fundirem-se por completo no instante do toque. E, então, reconfiguram-se: o desejo, o possível e o inesperado já são outros. Voltar atrás não desfaz a ida, tampouco a pisada resoluta está isenta de escorregões. Se eu quiser, posso mudar o que acontece – seguir, angular, retroceder –, sem todavia apagar o que aconteceu, nem determinar o que acontecerá.

Pé ante pé, testo o limite das possibilidades no esforço incerto de entregar a intenção à realidade. Quando chego a algum lugar, não sei precisamente como fui parar ali. Ainda que, no limite, cada passo sempre inaugure um lugar novo, sobressai-se um momento em que o constato: olhe só, cheguei a isso. Detenho-me por um tempo, refaço o percurso mentalmente, tento identificar qual havia sido o intuito, o obstáculo, a alternativa, qual teria sido o motivo, a dúvida, o tropeço. Mas, a esse ponto, estão enovelados tão complexamente que não consigo puxar um só fio; da trama do que foi feito, não sei dizer o quanto havia de mim e o quanto de todas as outras coisas. Afinal, fiz o caminho e cheguei aqui, ou foi o caminho que me fez chegar aqui? Fiz eu o gesto seguinte, ou foi o anterior que o puxou? O final da frase era minha conclusão, ou foi a frase que me fez concluir? De certa forma, sempre são as duas coisas. Constituo e moldo o percurso no mesmo ato de moldar-me a ele. Se experimentei o nascimento, o tempo, o amor ou o medo, antes de defini-lo (e, na minha perspectiva, criá-lo), fui também por ele criado: primeiro, pois já existia antes do nome, e pungiu-me até que pudesse ou quisesse nomeá-lo; e, depois, a partir do momento em que lhe dei forma, vivo-o diferentemente de como o tinha vivido até então. Compartilho, com tudo o que crio – passos, caminhos, nomes, imagens, palavras, ideias –, a experiência de ser criado; somos reciprocamente criadores e criaturas.

Avento minha capacidade de criação pela descoberta: crio um mundo de tudo aquilo que me surge no universo das possibilidades; determino uma entre as várias alternativas, revogando à possibilidade-escolhida a chance de ser diversa. Tomo em mãos as coisas do mundo, apreendo em mim o que delas me acontece; moldo-lhes contornos e formas, dou-lhes

nomes e parentes, torno-as criações minhas. E, ao mesmo tempo, tão logo criadas, também elas passam a ser as coisas do mundo, para que novamente delas me aproprie, para que delas recrie o que foi criado. Diviso, em finíssima lâmina, dois mundos que correspondem, mas não redundam. Da fresta aberta pelo que crio, corresponde uma no mundo, que por sua vez abre outra em mim. Como o mover de espelhos, vejo-me mundo e vejo o mundo como eu – ambos imagem e reflexo, e igualmente realidade.

Este é um livro escrito a quatro mãos. A ideia surgiu durante nossas conversas sobre a conclusão da Licenciatura em Artes Visuais, quando, conforme discutíamos nossas intenções de projetos individuais, percebemos que o horizonte de um trabalho colaborativo as realizaria com muito mais inteireza. Compartilhávamos o desejo de construir um olhar ao mesmo tempo retrospectivo e construtivo sobre nossas formações, que pudesse percorrê-las e desvendar aberturas, fendas e dobras – a serem exploradas por outros sujeitos, no traçar de seus próprios cursos.

Por isso, ainda que elaborado no contexto de uma finalização, este livro não se pretende a nenhum fechamento – nem em nós mesmas, nem das questões que suscita. Interessa-nos, ao contrário, assumir suas incompletudes e incertezas, e propô-las não como limites, mas como fundamentos do pensamento e da criação.

Índice das imagens por página

- 14 **Sem título (Mão).** Antônia Perrone, 2021, monotipia e gesso.
- 15 **Espelho.** c. 2000, espelho com moldura plástica.
- 16 **Vênus de Willendorf.** Paleolítico, calcário oolítico, origem: Willendorf, Baixa Áustria. Naturhistorisches Museum, Viena.
O beijo. Constantin Brancusi, 1907, mármore. Muzeul da Arta de Craiova, Craiova.
- 17 **Os amantes de Ain Sakhri.** 9.000 a.C., calcita, origem: Ain Sakhri, deserto da Judéia. British Museum, Londres. © The Trustees of the British Museum.
A pequena Vênus de Meudon. Hans Arp, 1957, gesso.
- 18 **Ex-votos** (Sala de Milagres do Santuário de Nossa Senhora Aparecida). [s.d.], Aparecida, Brasil.
Ex-votos comercializados. [s.d.], madeira.
O julgamento dos mortos na presença de Osiris (parte do Livro dos Mortos do Papiro de Hunefer). 1.275 a.C., papiro, origem: Egito. British Museum, Londres. © The Trustees of the British Museum.
- 18 **Retrato da múmia de Eutiques.** 100-150 d.C., encáustica sobre madeira, origem: Egito. Metropolitan Museum, Nova Iorque.
Múmia com inserção de um painel com retrato de um jovem. 80-100 d.C., encáustica sobre madeira, restos humanos, linho, material de mumificação, origem: Egito. Metropolitan Museum, Nova Iorque.
- 19 **Urna funerária Marajoara.** 400 - 1400 d.C., cerâmica, origem: Ilha de Marajó, Brasil. Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Fragmento de uma estela de sepultura. 330-320 a.C., mármore, origem: Atenas, Grécia. Museum of Cycladic Art, Atenas.
Jarra com alça. 500-300 a.C., cerâmica, origem: Vale de Ica, Peru. Metropolitan Museum, Nova Iorque.
- 20 **Máscara mortuária de Napoleão Bonaparte.** [s.d.], cópia em gesso do original de 1821 de Paris. British Museum, Londres. © The Trustees of the British Museum.
Caixão de um animal egípcio (megera). c. séc. 4 a.C., madeira pintada, origem: Egito. Kunsthistorisches Museum, Viena. © KHM-Museumsverband.

- 21 **Bolsa.** [s.d.], fibra vegetal, trançada, origem: Vale de Ica, Peru. British Museum, Londres. © The Trustees of the British Museum.
Paisagem. Joseph Nicéphore Niépce, 1823, heliografia sobre placa de zinco. Musée Nicéphore Niépce, Châlon-sur-Saône. © Musée Nicéphore Niépce.
- 22 **Natureza morta com um copo alto de cerveja.** Jan Jansz van de Velde, 1647, óleo sobre madeira. Rijksmuseum, Amsterdã.
- 23 **Virginia #6.** Sally Mann, c. 2000-2004, fotografia em papel com emulsão de prata e verniz. © Sally Mann.
- 24 **Sem título (Amantes perfeitos).** Felix Gonzalez-Torres, 1991, relógios de parede. MoMA, Nova Iorque. © 2021 The Felix Gonzalez-Torres Foundation, Courtesy Andrea Rosen Gallery, New York.
- 25 **Dançarina.** Edgar Degas, c. 1885, carvão sobre papel. Coleção particular.
Um dilúvio. Leonardo da Vinci, c. 1517-1518, giz sobre papel. Royal Collection, Inglaterra. Royal Collection Trust / © Her Majesty Queen Elizabeth II 2021.
- 26 **Bolhas de sabão.** Jean Siméon Chardin, c. 1734, óleo sobre tela. Metropolitan Museum, Nova Iorque.

- 27 **Estrelas cadentes.** Vija Celmins, 2010, maneira-negra. Tate and National Galleries of Scotland. © Vija Celmins.
- 28 **O Viajante.** Antonio Dias, 1971, acrílica sobre tela. Galeria Studio Nóbrega, São Paulo.
Par de sandálias. 1580-1479 a.C., papiro, origem: Tebas, Egito. Metropolitan Museum, Nova Iorque.
Sem título. Saul Steinberg, c. 1990, lápis, aquarela e giz sobre papel. Beinecke Manuscript and Rare Book Library, Yale University.
- 29 **Disco de Ouro da Voyager.** 1977, placa de cobre banhada a ouro e galvanizada com urânio-238.
As esferas cósmicas e o ser humano (O homem universal). Hildegarda de Bingen, iluminura, cópia do final do século XIII do original “Liber Divinorum Operum” de 1165. Biblioteca Statale di Lucca, Itália.
Imago mundi (O mapa do mundo). Século 6 a.C., argila, origem: sítio arqueológico Sipar, Baixa Mesopotâmia (atual Iraque). British Museum, Londres. © The Trustees of the British Museum.
- 30 **Diagrama: topografia psicosssexual.** Sigmund Freud, 1895, desenho de “A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887-1904”, editora Imago, 1986.

- 31 **Sistema de Copérnico.** Galileu Galilei, 1632. Encyclopedia Britannica.
- 32 **Planta da Cidade de Brasília.** 1950-1959, impresso. Editora Módulo. Coleção particular. **Folhinha comercial** (calendário). 2021, papel.
- 33 **Sem título** (parte do portfólio “On a Clear Day”). Agnes Martin, 1973, serigrafia. MoMA, Nova Iorque. © 2021 Estate of Agnes Martin / Artists Rights Society (ARS), New York. **Santa Maria del Fiore de Brunelleschi.** Cigoli (Lodovico Cardi), 1613, desenho.
- 34 **Scala naturae.** Didacus Valades, 1579, gravura em metal, parte de “Rhetorica Christiana”. Getty Research Institute, Los Angeles.
- 35 **Pedra de Rosetta.** 196 a.C., granodiorito, origem: Rashid (Rosetta), Egito. British Museum, Londres. © The Trustees of the British Museum. **Moeda.** [s.d.], electro (liga natural de ouro e prata), origem: Cartago, Tunísia. British Museum, Londres. © The Trustees of the British Museum.
- 36 **Cavalo de corrida a galope.** Eadweard Muybridge, 1887, fotografia.
- 37 **Porta de Dürer.** Albrecht Dürer, 1525, xilogravura, parte da publicação “Instrução de
- medição”, impressa por Hieronymus Andreae e publicado em Nuremberg, Alemanha. MFA, Boston.
- 38 **Teorba** (alaúde). Matteo Sellas, 1673, ébano, marfim, e madeira de conífera, origem: Veneza, Itália. Rijksmuseum, Amsterdã.
- 39 **Molde de ovelha.** 330-200 a.C., terracota, origem: Taranto, Itália. British Museum, Londres. © The Trustees of the British Museum.
- 40 **Biface acheulense.** Paleolítico, pedra.

Bibliografia

ANDERSON, Wes; MALOUF, Juman. **Spitzmaus Mummy in a Coffin and Other Treasures**. Colônia: Walther König, 2019.

ARMSTRONG, Helen (org.). **Teoria do design gráfico**. São Paulo: Ubu, 2019.

ARP, Hans. Looking. In. **Arp**. Nova Iorque: Museum of Modern Art/Doubleday, 1958.

BERGER, John. **Ways of Seeing**. Londres: Penguin Books, 1972.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In. **Revista Brasileira de Educação**. 2002, n. 19, pp. 20-28.

BORGES, Jorge Luis; KODAMA, María. **Atlas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **O Mahabharata**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno Tratado das Grandes Virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

CRARY, Jonathan. **Técnicas do observador**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

DUCHAMP, Marcel. O ato criador. In. BATTCOCK, Gregory. **A nova arte**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.

FOCILLON, Henri. Elogio da mão. **Revista Serrote**, São Paulo, no 6, p. 7-31, novembro, 2010.

GALLAIS, Jean-Marie (org.). **Catalogue de l'exposition Peindre la nuit**. Metz: Centre Pompidou Metz, 2018.

GIANNOTTI, Gabriela. **Tarde pela noite**. São Paulo: autopublicado, 2021.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

MAGNUS, Olaus. **Carta marina et descriptio septentrionalium terrarum**. Veneza: 1539.

MANGUEL, Alberto. A musa da impossibilidade. **Revista Serrote**, São Paulo, no 6, p. 33-47, novembro, 2010.

MELVILLE, Herman. **Moby Dick, ou A baleia**. São Paulo: Editora 31, 2019.

PERRONE, Antônia. **Pomar dos ossos**. São Paulo: autopublicado, 2021.

PLATÃO. **O banquete**. São Paulo: Editora 34, 2016.

QUIGNARD, Pascal. **Da imagem que falta aos nossos dias**. Copenhagen: Zazie Edições, 2018.

QUIGNARD, Pascal. **O nome na ponta da língua**. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2018.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

RILKE, Rainer Maria. **Histórias do Bom Deus**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.

WARBURG, Aby. **Histórias de fantasma para gente grande**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Agradecimentos

Gostaríamos de expressar nossos sinceros agradecimentos a todos aqueles que caminham conosco – à frente, lado a lado ou por suas vias particulares. Sem suas companhias, trilhas e pistas, este trabalho não teria sido possível. Agradecemos especialmente:

A Marco Buti e João Musa, orientadores sensíveis e cuidadosos, que nos acompanharam com dedicação e amizade;

A Paula Gabbai, Claudio Mubarac e Sumaya Mattar, cujos ensinamentos valiosos nos instigam aos passos seguintes;

Ao grupo de pesquisa Rotas do Desenho, que tivemos a felicidade de cruzar em muitos pontos do percurso;

A Gabriela Ripper Naigeborin e Vivian Tsuzuki, por suas leituras e apontamentos precisos;

A todos os colegas, professores, técnicos e funcionários do Departamento de Artes Plásticas, sobretudo a Stela Garcia e Solange dos Santos, que tanto nos apoiam;

Aos familiares e amigos, com quem compartilhamos as alegrias e assombros de viver.

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Perrone, Antônia Midena

A dobra e a pedra / Antônia Midena Perrone, Gabriela Gregolin Giannotti ; orientador, Marco Francesco Buti; coorientadora, Sumaya Mattar. - São Paulo, 2021. 64 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)

Departamento de Artes Plásticas / Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.

Bibliografia

ISBN: 978-65-00-41961-0

1. Arte. 2. Criação artística. 3. Ensino e aprendizagem. I. Giannotti, Gabriela Gregolin II. Buti, Marco Francesco. III. Mattar, Sumaya. VI. Título.

CDD 21.ed. - 700

Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Este livro, composto em New Century Schoolbook e Century Schoolbook, foi impresso no papel Pólen Bold 90 g/m² pela gráfica AroPrint em São Paulo, no ano de 2022, em tiragem de 100 exemplares.